

O museu-texto na experiência do Museu Histórico e *Lavoura Arcaica*

Silvia Maria do Espírito Santo

2018 • ISSN 2448-0053

VOLUME #2

SILVIA MARIA DO ESPÍRITO SANTO

Bacharel em Sociologia e Política realizada na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1981). Possui mestrado em Ciência da Informação e Documentação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (2000) e doutorado em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília (2009). Realizou pós-doutoramento na Universidade do Porto, Portugal, Faculdade de Letras — Flup (2014-2015), na área da CI. Foi Coordenadora de Memória do município de Ribeirão Preto, atuou na direção dos Museus Histórico e do Café, e do Conselho de Patrimônio Cultural em Ribeirão Preto e em Mococa, ambas no Estado de São Paulo. Publicou *O colecionador público documentalismo Plínio Travassos dos Santos*. Museu Histórico e de ordem geral “Cel. Francisco Schmidt”. É docente na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras — DEDIC — Biblioteconomia, Ciência da Informação e Documentação. Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Teoria da Informação, Organização da Informação, Mediação da Informação atuando principalmente nos seguintes temas: patrimônio cultural, documentação, arquivologia, museologia e ciência da informação. Elabora Pareceres *Ad Hoc* e na condição da representação Titular no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP); Membro Titular da Comissão de Cultura e Extensão (CCEX).

silesan@usp.br

Resumo

No presente trabalho apresenta-se uma analogia entre objetos dos acervos museológicos e a coerência textual do texto literário, a partir da representação da língua natural, da simbologia do contexto da representação histórica do café e a função dos objetos museológicos. Os elementos da linguística textual são utilizados como ferramentas da análise documentária objetivando as disciplinas da Ciência da Informação. Consideram-se as várias mediações de textos nos estudos dos fenômenos textuais, de coesão e coerência. Abordam-se as reflexões sobre as fronteiras entre elas e toma-se como exemplo o capítulo 10 da obra de Raduan Nassar, *Lavoura Arcaica* (1975), e os museus históricos situados no *campus* da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

Palavras-chave

Museu; Mediação; Raduan Nassar.

Title

The text-museum experience Historical Museum and *Lavoura Arcaica*.

Abstract

In the present work it aims as analogy between museologic records and the textual coherence of literary text, through the natural language representation the context symbology of coffee history representation and the functions of museologies objects. The elements of textual linguistics are used as tool for documentary analyse objectifying Information Science course. It considers many mediations of text about studies of textual phenomena, cohesion and coherence. It seeks the reflections about frontiers between them and uses as example the chapter 10 of Raduan Nassar literary work, *Lavoura Arcaica* (1975), and historic museum located in Universidade de São Paulo, Campus Ribeirão Preto.

Keywords

Museum. Mediation. Raduan Nassar.

Apresentação

A proposta desse estudo¹ é desenvolver um exercício comparativo a partir da observação dos objetos museológicos, entre as informações descritas nos catálogos manuscritos do acervo do Museu do Café “Cel. Francisco Schmidt” (situado no *campus* da USP, de Ribeirão Preto), e a leitura do capítulo 10 da obra literária *Lavoura Arcaica*, do escritor Raduan Nassar, publicada pela primeira vez em 1975.

Através do estudo do fenômeno do colecionismo histórico no interior paulista percebe-se que há relação direta entre a *interpretabilidade e inteligibilidade* do emissor, na voz da personagem André, do belo texto literário do premiado autor brasileiro com os objetos do museu citado. Nesse encontro, entre museu e texto, há boas possibilidades de compreender melhor a organização do acervo datado de 1956.

Encontra-se, ali, um sentido na aproximação do objeto museológico e a verve do personagem de *Lavoura Arcaica*. Está clara a inter-relação na narrativa do texto com o cenário imaginado e ocupado por objetos retirados da memória da juventude do autor (Nassar) por meio da linguagem natural (KOCH & TRAVAGLIA, 2005), discreta, descritiva e conducente da memória rural.

Se a língua natural é a grande fonte da coerência e da coesão, em suas formas estruturais de morfemas e fonemas, na semântica e sintaxe, o texto deverá apresentar coerência no sentido global, isto é, ter um sentido unitário para toda a sequência do livro. E Nassar é o nosso mestre na relação com o leitor a partir da leitura.

Na observação que aqui se propõe realizar, uma analogia de significados entre forma e conteúdo, entre texto e objetos da coleção museológica, deve-se considerar a pluralidade dos acervos e dos ambientes nas atividades museais.²

Pelo método da investigação empírica, os conceitos são residências abstratas em que se localizam a semelhança, entre traços e propriedades da informação e definem-se os termos da temática propositiva. Portanto, o conceito que identifica o documento tangível (objetos próprios da cultura material) não estará dissociado do conceito de documento intangível (valores do endereço de procedência no campo da linguagem natural e sentidos).

A complexidade social é pertinente na construção linguística, comunicativa e da representação do conhecimento, e partícipes da estrutura social. Compreende-se, assim, que a categoria informação está inserida em processos de conhecimento (BUCKLAND, 1991) e na interação do sujeito com o contexto da cultura material.

Onde e como estão os museus?

No chamado “Oeste Paulista”, a produção do café gerou cultura material própria, numerosa e representativa, embora dispersa nos ambientes rurais privados ou públicos e alguns exemplares foram armazenados nas instituições de curadoria governamental ou de seus proprietários respectivamente relacionados aos interesses científicos, turísticos ou afetivos.

Os instrumentos (ou meios de produção do campo) utilizados na produção agrária e registros documentais foram acumulados ao longo de três séculos, em fazendas, armazéns ou nas referidas instituições de pesquisas científicas (escolas rurais, institutos, departamentos etc.) sem, contudo, pretender guardar, conservar ou divulgar os acervos. Das exceções institucionais no interior do Estado de São Paulo nasceu o Museu do Café de Ribeirão Preto e Museu Histórico e deles nos ocupamos.

Os museus históricos situados no *campus* da Universidade de São Paulo foram organizados num longo período, de 1935 a 1954. Tornaram-se instituição museológica entre 1954/1956. A determinação de Plínio Travassos dos Santos, advogado e funcionário público, sistematizou objetos de representação dos tra-

balhadores e envolveu na história do Café, na região ampla da terra roxa.

Na tarefa do exercício comparativo procura-se indicar pontos para análise da informação relacionada à determinada época da história brasileira, em que o período econômico de produção e exportação do café era preponderante, nos séculos XIX ao XX, e hoje são identificadas como “reliquias” ou com valores “estéticos”, “históricos” destinados aos locais de acúmulo dos “objetos antigos”, apropriados por agentes culturais.

Santos esteve à frente da formação desses acervos dos museus e empenhou-se em selecionar objetos para a constituição de pequenas coleções. Podemos arriscar que o colecionismo de Santos procurava um grau de “veracidade” dos documentos, função esperada que eles “testemunhassem a história” local, regional e nacional.

Santos difundiu conceitos da museologia ordenados pelo nacionalismo “para fixação de um ideário nacional brasileiro” (BREFE, 2005, p. 55) já desenvolvidos por várias instituições nas diferentes épocas da República — Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1850), Museu Paulista (1918) e Museu Mineiro (1910) —, que objetivavam “oficializar” os fatos históricos nacionais, do Estado-Nação.

Santos, o colecionador, em peregrinações meticulosas selecionou e recolheu objetos e documentos textuais que foram depositados em locais improvisados, como em sua residência e no Bosque Municipal de Ribeirão Preto. As aquisições foram realizadas por meio de doações ou compras de colecionadores do Rio de Janeiro, São Paulo, Vitória, Araxá, entre outras localidades, ou adquiridas das instituições museológicas já consolidadas no início do XIX.

Desde 1938, esse conjunto passou a ser composto de objetos que hoje pertence ao acervo do Museu Histórico e de Ordem Geral “Plínio Travassos dos Santos” e do Museu do Café “Cel. Francisco Schmidt”³.

O termo “documento” é empregado por estudiosos das áreas da história, economia, antropologia, arquitetura, ciências sociais e ciências da informação, mas seu conceito difere-se, contudo, em métodos de aplicação. Do ponto de vista dos suportes (o meio material onde se fixa a informação) em acervos museais, diferenciados pela sua materialidade, o conceito documento⁴, não raramente, restringe-se ao papel testemunhal do objeto museológico.

O termo “documento” define uma *espécie documental* associada a um *tipo documental*, material ou imaterial. No campo das áreas da investigação da materialidade e da forma, os métodos de aplicação da teoria desenvolvem-se em direção interdisciplinar e com interfaces seletivas.

Nos dois museus situados no *Campus* da USP, devido à diversidade de coleções, do abandono, das irresponsabilidades administrativas e política, desde muito tempo no município de Ribeirão Preto, agravaram-se com a ausência de procedimentos técnicos aplicados corretamente, ou adequados. O estado lamentável em que se encontram os museus da cidade afasta a população usuária e comumente são criticados ou identificados como “museus abandonados”.

A numerosa diversidade das coleções nessas instituições demonstra-se mais como veículo para a crítica, alertando para a conturbação político-social, no campo da preservação da memória e da incompreensão do passado.

A origem dos museus históricos e naturais, hoje museus pedagógicos de São Paulo (MISAN, 2008) está na formação dos “gabinetes de curiosidade” resultantes das investigações científicas empíricas do período das negociações comerciais políticas, das vaidades e caprichos pessoais de colecionadores particulares.

Os museus históricos formados no país tiveram o mesmo caráter quando foram reflexos ou frutos do domínio do conhecimento das pesquisas, em territórios desconhecidos, orientados no mundo do pensamento positivista do século XIX.

Na verdade, mesmo os museus interioranos criados no século seguinte, com o dever mais de manutenção das normas morais da nacionalidade e do armazenamento de coleções (resultados “deslocados” das pesquisas científicas) são considerados unidades informacionais na contemporaneidade destinados à difusão do conhecimento.

Embora as intenções dos seus fundadores sejam pouco conhecidas, assim como os métodos que os sedimentaram como instituição, paradoxalmente representam os conceitos do “antigo”, “do que é tradicional”, “do ultrapassado” “e do moderno”, cujas formas de classificações são usuais na arte, na ciência, na arquivologia, na museologia e na biblioteconomia.

O foco de análise da organização do acervo do Museu do Café, dos con-

juntos documentais e dos objetos da cultura material, com suas representações informacionais deve ser tomado com as ferramentas descritivas e interpretativas da representação informacional.

A representação da informação

Apesar da polissemia do termo *representação*, do seu emprego nas trilhas destinadas ao campo da memória documental, quase sempre ele pode contar com o conhecimento prévio do respectivo contexto histórico, que passa a ser um vetor com a capacidade de revelar a conjugação das relações sociais na história com interpretação.

O ponto norteador da pesquisa definiu-se pela *representação da informação*, provocada pelos diversos significados dos objetos e da linguagem. A *representação da informação*, por isso, implica no estudo da estrutura de significados, quer ela se refira ao que é ou não conhecido, ao apropriado e transformado pelo sujeito ou coletivo.

As potencialidades interativas do indivíduo para reviver, descobrir e interpretar os objetos do passado estão no âmbito comunicacional e aguardam-se que tais representações sejam expostas em espaço dos museus referidos: compartilhados e conservados.

Da *informação* nada se espera senão conjugá-la com as possibilidades de interpretação do usuário que, na verdade, é o proprietário de “modelos cognitivos globais”. Portanto, desse período específico da produção cafeeira, delimitam-se os elementos históricos, econômicos e sociais que se relacionam como processo de comunicação ativo “como conhecimento prévio armazenado na memória” (FAVERO, 2004) em confronto com o mundo local.

Nesse momento social fragilizado pelo consumo, e pela ácida incapacidade dos governos de promoção de políticas econômicas e culturais, o conhecimento do contexto cultural tão almejado por pesquisadores das áreas da informação e da documentação, na corrente da maré da “valorização de identidades” regionais no “mundo globalizado”, poderá ser evidenciada a ausência de controle da documentação do período cafeeiro pelas mesmas instituições.

O que é vivenciado pelos profissionais nos museus regionais e estaduais, quase sempre administrados por setores públicos, talvez mereça estudos na tentativa de conhecer melhor o porquê de tanto abandono para aquilo que os representa. Tais museus são procurados por usuários estudantis, professores e pesquisadores, cujos ambientes são desoladores no balanço da interatividade com o conhecimento, a partir da representação do acervo.

A transmissão de um sistema de signos (linguagem) por um determinado meio, remete ao subjetivo dependente do entendimento entre sujeito, natureza da informação e contexto cultural. Muitas vezes, espera-se por um “milagre” para qualificar a informação ou por reformar conceitualmente os museus para aproximar o sujeito do seu passado. Quais são os caminhos? Talvez refletir sobre as linguagens que representem um dos meios a trilhar.

A partir das linguagens e das interpretações são exigidas as convenções dos elementos gramaticais, embora a superação deles seja reformulada por autores como Fávero (2004) e Koch (2003), na perspectiva da construção de outros sentidos, cujo conhecimento linguístico revela o contexto cultural.

Nas passagens informacionais o papel da representação dos conteúdos será evidenciado ao buscarmos a análise comparativa entre o texto e o objeto. Será um caminho?

A representação da informação materializada nos Museus Histórico e do Café

O Museu do Café “Cel. Francisco Schmidt”, criado em 1956 e instituído por legislação municipal, recebeu um acervo do coronel Francisco Schmidt, do empresário G. Lunardelli, entre outras personalidades, instituições e famílias dos poderes econômicos e políticos e dos trabalhadores. Por muito tempo foi conhecido como “único museu do café no país”.

A partir de coleções inovadoras para a época, irmanavam-se os objetos da produção agrária: maquinário industrial e ferramentas artesanais. Em sua maioria, eram arados, torradores, beneficiadoras, balanças portáteis, peneiras oficiais, chaleiras, coadores domésticos, cafeteiras industriais, colherinhas, moinhos

e marcas simbólicas comemorativas da economia cafeeira vencedora até meados da década de 1950.

A representação materializada no Museu do Café nasceu do conjunto de objetos do trabalho doméstico ou do conjunto de objetos da produção agrária e comercial, resultados de uma determinada tecnologia, de aplicação na escala da grande produção econômica voltada para exportação. A relação econômica, que representou lucros, juros e impostos, foi destinada à infraestrutura das cidades, serviços e, principalmente, aplicados nas condições de escoamento da produção do Café.

A edificação do museu⁵, realizada pelo arquiteto Hernani do Val Pentado (1901-1980), também recebeu mudas da espécie *Coffea arabica* doadas pelo Instituto Agrônomo de Campinas, para fins de ornamentação e da representação da paisagem das plantações do café. O terreno destinado aos museus municipais (Histórico e do Café) — cerca de 17.000 m² da antiga propriedade do “Rei do Café” Cel. Francisco Schmidt — foi desapropriado pelo governo.⁶

No final dos anos de 1950, a Universidade de São Paulo, em projeto de descentralização do ensino universitário, já havia instalado a Faculdade de Medicina em Ribeirão Preto, pelo esforço notável de Zeferino Vaz, médico brasileiro.

A Escola Estadual Agrícola, estratégia falida de planejamento do ensino da agricultura baseado no desenvolvimento técnico rural, foi transferida para o Centro de Instrução Zootécnica de Pirassununga (MASCARO, 2016).

O popular Museu Histórico e de Ordem Geral “Plínio Travassos dos Santos”, no mesmo terreno, foi construído no ponto mais alto da meia encosta, cujo lugar era preferido para instalar a sede da fazenda produtiva. Possui ampla varanda e salão interno sem divisórias, o que caracteriza a arquitetura de influência portuguesa: ampla sala de jantar, corredor dividindo os quartos, cozinha com azulejos azuis decorativos, telhas francesas, janelas envidraçadas com duas folhas, ornamentos nos beirais e lambrequins etc.

A demarcação de um espaço, destinado à educação, saúde e cultura, municipal, regional e nacional está inserida no contexto histórico da vida rural do final do século XIX. Observa-se o aspecto já extraordinário dessa identidade cultural e educacional para a distinção do território paulista, que agregava valores da história econômica e política brasileira. Assim, o Museu do Café “Cel. Francisco Schmidt” nasceu com sede própria, sem abrir mão de determinadas funções so-

ciais projetadas no local que foi ocupado como residência do “Barão do Café”, o imigrante alemão Schmidt.

No desenho da arquitetura para receber o acervo, e adaptada por Santos, na concepção museográfica do tempo foi criada a novidade para Ribeirão Preto. Em tempos do desenvolvimentismo brasileiro, o estilo neoclássico para instalar um Pavilhão do Café foi construído, em arcos, e amplo espaço sem divisórias para agregar as coleções da tecnologia aplicada à produção cafeeira.

Os anos da industrialização já haviam avançado rumo à indústria automobilística e à abertura das rodovias, inauguradas por Juscelino Kubitschek, “o presidente do desenvolvimento”. O sentimento do ribeirão-pretano era o de ingresso no mundo moderno quando foi disseminado popularmente pela imprensa, jornais e revistas, e promovido pelos famosos desfiles para eleger a *Miss Café*.

Santos figurava como funcionário público diferenciado no cotidiano burocrático de uma prefeitura do interior paulista. As suas ações orientavam-se por radicais modificações no ensino público, na criação da Caderneta Escolar, documento que permitia aos alunos da rede pública ser beneficiados por bolsa de estudos e serviços médicos. Interessado pela educação pública, portador da vocação para “manter a história oficial”, na memória popular, propôs a criação de museus a partir da formação das coleções, sob a responsabilidade do poder executivo municipal.

As ações colecionistas de Santos assumiram o nacionalismo e regionalismo ao buscar conter os objetos dispersos no meio rural, nos palacetes urbanos e a consequente diluição temporal dos significados dos objetos representativos da época cafeeira do “Oeste Paulista”.

Objeto — texto e sentidos memoriais

Após analisarmos as intenções mais aparentes do colecionador (conjugar objetos com a história regional econômica, social e política) faremos a reflexão da comparação entre objeto e texto.

A pesquisa que se dedica aos objetos museológicos encontra aí espaço para identificar a semelhança com a *textualidade* da fluência do texto literário de

Raduan Nassar, *Lavoura Arcaica*, especificamente analisado o capítulo 10, com o sentido de unidade textual com o objeto comparado ao texto.

Os sentidos das extensões da sensibilidade do leitor serão concretizados a partir da coerência textual de Nassar, da junção das descrições dos objetos que flutuam na memória socialmente preterida e, por criar condições de conter a dispersão dos significados da memória, cumpre-se a comparação entre a estética literária e da coleção museológica. O conjunto de objetos, como as palavras, exercem a função gramatical ao criar nexos da narrativa da simbologia do Café.

As fontes documentais do acervo desse museu compõem-se de listagens, relatórios de viagem de Santos (1956), “livro do acervo”, número de tombo e registro descritivo (1975). Elas contêm identificação numérica do livro, do catálogo e foram descritos no catálogo manuscrito, em colunas, os seguintes campos: objeto, aquisição, valor e data na página direita do livro-ata. Na página esquerda do livro: seções, registro, procedência, histórico e patrimônio. Muitos campos estão preenchidos de forma incompleta.

No ano de 1972, o então Diretor dos Museus José Pedro Miranda iniciou um novo trabalho de registro, denominando-o Catálogo Geral usando o cabeçalho pré-existente, acrescentou o nº de tombo para cada peça (número este único e intransferível). Em 3 livros tipo ata, registrou as peças na seguinte ordem: 1º volume n. 01 a 1.070, 2º volume nº 1.071 a 2.255 e 3º volume 2.226 a 3.012.

Em 30 de agosto de 1984, o então Coordenador de Patrimônio, Mário Moreira Chaves, auxiliado pela escriturária Nice Ema Pontim Corrêa, efetuou um novo levantamento do acervo, catalogando, inclusive, as peças guardadas nos porões, totalizando 4.288 peças. Desse levantamento resultou um Catálogo, em 2 volumes. No entanto, as referidas peças não receberam um número de tombo.

(Projeto de Revitalização de junho de 2001).

Pode-se ler o título com caligrafia na capa do livro-ata com lacunas eternizadas no documento de registro museológico:

*O Livro I — Acervo. Registro Descritivo. Vol. nº 1 9
do nº 1 ao nº 1070. Museus Municipais 5*

Catálogo geral 2377	Objeto Mó-pedra e moinho	Aquisição doação	Valor —	Data —
Seções Museu do Café	Registro —	Procedência —	Histórico Mó-pedra e moinho	Patrimônio —

Os instrumentos técnicos aplicados na agricultura ou os instrumentos da simbologia (esculturas para monumentos de imigrantes italianos e alemães, objetos de uso doméstico, bustos de gesso de personalidades da história oficial, filósofos, cientistas, políticos etc.) aparecem descritos, representados desta maneira, em registros nos catálogos manuscritos que devem ser incorporados na documentação museológica.

0 documento museológico

Para se buscar uma provável aproximação dos suportes documentais com o texto literário não é de se estranhar o uso, em exemplos, das determinadas metodologias que procuram articular o processo de seleção de imagens fotográficas com análise documentária textual. Por exemplo, as legendas ou *tags* comprovam a aproximação ou o abismo das significações entre coisa e verbo.

No caso em estudo, a observação dos objetos e a pesquisa nos catálogos só serão possíveis se estabelecermos previamente um sentido para a linguagem natural, ali descrita em catálogos, que se apoiassem nas descrições para identidade destes objetos. Surgiu, na análise, a situação impositiva da identificação do objeto, com suas imprecisões e insuficiências, com as representações descritivas limitadas, dos termos da linguagem natural empregados como vocabulário adotado. Denotam-se as distinções daquelas terminologias criadas por Santos (1946-1956), o idealizador do museu, das adotadas por Pedro Miranda (1972) e Moreira Chaves (1984), ambos os diretores dos museus municipais⁷.

Na descrição terminológica das normas internacionais e nacionais padronizadas de linguagem documentária da Ciência da Informação, a exclusão de verbos foi convencionada. Os verbos como andar, falar, comer, trabalhar, estudar — nada representam para um vocabulário controlado no processo de recuperação da informação⁸.

Na representação do termo substantivado dos objetos fora de circulação e uso do passado torna-se verbete de dicionário e listagem dos “termos” quando a operação da extração deles dos documentos exige a isenção do verbo.

Interessante é pensar o quão significativo é a retirada do verbo das definições dos objetos que objetivam dinamizar e identificar os espaços (territórios da produção/ação humana) nos museus da representação do passado: produziram, andaram, falaram, comeram, trabalharam, estudaram, entre tantos outros do mundo da ação rural, que são excluídos da lista de termos preferidos. Assim, as clássicas instituições, de uma forma geral, realizam exposições com tecnologias sofisticadas, com o objetivo de “animar” o passado, para dar lugar às novas gerações e outras interpretações escaladas no momento presente, com demonstrações das ações ou movimento ou decoração do passado.

Desta maneira, se mediadores não promovem projetos interessantes da museologia, no encontro do objeto museal com o sujeito no passado imaginado, também se perdem as potências descrições (informações dos objetos) como dispositivos das consciências das realidades sociais e educacionais. Perde-se o sentido do museu.

As coleções dos instrumentos aplicados à agricultura (pilões, arados, beneficiadores de café, entre outros) e os de simbologia referida (esculturas mo-

numerais de imigrantes italianos e alemães, bustos de gesso de personalidades, filósofos, colonizadores, cientistas e artistas), lado a lado, em alinhamento militar, ilustra a definição do “museu estático”⁹, muito longe de ser um museu vigoroso em atividade.

Desta maneira percebem-se questões importantes na análise das mediações entre objeto e texto do museu como sistema de signos:

1. No aspecto da sustentação linguística dos objetos (legendas, por exemplo), sem sentença, o substantivo que dá identidade ao objeto flutua no espaço museal e perde-se na coerência das coleções.

2. A significação das coleções torna-se comprometida pelo confinamento de cada significado e, não por sua correspondência com outros objetos, mas sim pela ausência de nexos dos elementos de narração neles contidos.

3. A adjetivação e a ação são deslocadas do espaço (subtraídas), que, ao negar o elo entre a gramática do objeto e a coerência do contexto histórico, submete-os ao estado de inércia temporal, sem pertencimento contextual, histórico e cultural.

Para compreender esse processo um exemplo de um objeto como o coador de pano para “passar” o café nada representa na função cotidiana, quando foi substituído por coadores de papel, mas transformou-se em testemunho histórico da memória do período econômico cafeeiro. O coador não pertence mais ao uso doméstico porque agora está inserido na função simbólica do ciclo econômico do café e substituído pelo coador de papel, para descarte cotidiano, ou das formas das ágeis máquinas do café expresso, significativa da industrialização e dos hábitos urbanos.

A coesão será dada aos objetos da vida cotidiana no passado rural quando a consistência de um determinado contexto funcional, na sociedade, for compreendida pelo usuário da “informação dinâmica” com a sustentação do verbo na narrativa do texto literário.

A atual codificação numérica museológica acompanha os termos descritivos, não críticos e embora necessária ao controle e aos registros do patrimônio público. No entanto, quando está ausente a narrativa textual tornam-se ainda mais obscuras as significações dos objetos contextuais do café.

Em geral, os museus quando codificam os acervos também objetivam a

interação, ao acolhimento do usuário e vinculam-se às tentativas das superações da polaridade emissor-receptor quando se possibilitam recriações do processo de elaboração do conhecimento do objeto e das coleções.

Nos museus estudados, tal polaridade ainda está para ser rompida, isto é, entre leitura dos objetos e significações passivas das legendas mortas. Talvez sejam possíveis outros sentidos com rupturas radicais entre o passado e o presente a partir dos métodos científicos desbravadores, inovadores e recriadores, como aqueles alcançados pelo cinema. A linguagem, no espaço do museu, recebe os sentidos que lhe são permitidos, assim, torna-a dependente da qualidade das curadorias, de recursos financeiros, da análise crítica, da temática explorada por pesquisas e do estudo público do usuário no espaço museal.

O texto literário e intencionalidade do autor

Para se realizar a analogia dos significados do contexto cultural em questão, a obra literária *Lavoura Arcaica* (1975), capítulo 10, de Raduan Nassar, poderá ser observada. Antes disso, faz-se necessário lembrar que o texto selecionado para a análise integra uma das mais importantes obras da literatura brasileira contemporânea. O texto de Nassar possui coerência ao estabelecer um “sentido para os usuários” leitores e deverá ser “entendido como um princípio de interpretabilidade” (KOCH, 2003), baseados nos fatores de ordem cognitiva, situacional, sociocultural e interacional. Segue o texto a que se refere esse exercício:

10

(Fundindo os vidros e os metais da minha córnea, e atirando um punhado de areia pra cegar a atmosfera, incursiono às vezes num sono já dormido, enxergando através daquele filtro fosco um pó rudimentar, uma pedra de moenda, um pilão, um socador provecto, e uns varais extensos, e umas gamelas ulceradas, carcomidas, de tanto esforço em suas lidas, e uma caneca amassada, e uma moringa sempre à sombra machucada na sua bica, e um torrador de café, cilíndrico, fumacento, enegrecido, lamentoso, pachorrento, girando ainda à manivela na memória; e vou extraindo deste poço as panelas de

barro, e uma cumbuca no parapeito fazendo de saleiro, e um latão de leite sempre assíduo na soleira, e um ferro de passar saindo ao vento pra recuperar a sua febre, e um bule de ágata, e um fogão a lenha, e um tacho imenso, e uma chaleira de ferro, soturna, chocando dia e noite sobre a chapa; e poderia retirar do mesmo saco um couro de cabrito ao pé da cama, e uma louça ingênua adornando a sala, e uma Santa Ceia na parede, e as capas brancas escondendo o encosto das cadeiras de palhinha, e um cabide de chapéu feito de curvas, e um antigo porta-retrato, e uma fotografia castanha, nupcial, trazendo como fundo um cenário irreal, e puxaria ainda muitos outros fragmentos, miúdos, poderosos, que conservo no mesmo fosso como guardião zeloso das coisas da família.) (NASSAR, 1989)

O capítulo 10 de *Lavoura Arcaica*, parte do romance (e acredito que em parte é autobiográfico), foi tomado isoladamente da sua totalidade textual da obra acabada para fins da análise e, ao analisar a organização global do texto, apresenta-se a macroestrutura, que se refere, segundo a terminologia empregada na linguística.

A partir dos elementos linguísticos¹⁰, a sequência textual organiza o conteúdo, supera os sentidos cronológicos e se abre aos cognitivos. O leitor, ou usuário, decodificando as imagens provocadas e apropriadas pelo ato da leitura, alcança não só o conteúdo do cenário rural, mas rompe o sentido estático proposto pela ordem dos objetos (como aqueles expostos no museu), transformando-o em poder simbólico, dinâmico da informação humana imaginada.

A unidade do sentido literário exigirá coerência e dá sentido aos conteúdos com nexos simbólicos em relação dos itens lexicais do texto. Entre esses elementos linguísticos podemos citar a intencionalidade do autor, que permitiu ao receptor o sentido desejado e a aceitabilidade, como contraparte do desejo ou do elemento intencional da obra criada.

A informação, após a leitura, poderá respaldar-se pelos adjetivos, em exagero, e pelo emprego destemido dos verbos fundir, atirar, incursionar e enxergar no gerúndio e se seguem os verbos girar, extrair, fazer, passar, recuperar, sair, chocar, retirar, adornar, esconder, puxar, conservar no mesmo tempo verbal nominal, gerúndio, no corpo do texto lido:

(Fundindo os vidros e os metais da minha córnea, e atirando um punhado de areia pra cegar a atmosfera, incursiono às vezes num sono já dormido, enxergando através daquele filtro fosco um pó rudimentar, uma pedra de moenda, um pilão, um socador provecto, e uns varais extensos, e umas gamelas ulceradas, carcomidas, de tanto esforço em suas lidas, e uma caneca amassada, e uma moringa sempre à sombra machucada na sua bica, e um torrador de café, cilíndrico, fumacento, enegrecido, lamentoso, pachorrento, (...)

Desfila, em profunda experiência da lembrança ou do impacto das palavras mal lembradas, a identificação dos objetos de um museu imaginado e dependente do suporte do tempo verbal no gerúndio, que indica ação contínua:

(...) girando ainda à manivela na memória; e vou extraindo deste poço as painéis de barro, e uma cumbrua no parapeito fazendo de saleiro, e um latão de leite sempre assíduo na soleira, e um ferro de passar saindo ao vento pra recuperar a sua febre, e um bule de água, e um fogão a lenha, e um tacho imenso, e uma chaleira de ferro, soturna, chocando dia e noite sobre a chapa; e poderia retirar do mesmo saco um couro de cabrito ao pé da cama, e uma louça ingênua adornando a sala, e uma Santa Ceia na parede, e as capas brancas escondendo o encosto das cadeiras de palhinha, e um cabide de chapéu feito de curvas, e um antigo porta-retrato, e uma fotografia castanha, nupcial, trazendo como fundo um cenário irreal, e puxaria ainda muitos outros fragmentos, miúdos, poderosos, que conservo no mesmo fosso como guardião zeloso das coisas da família.)

De outro lado, de maneira geral, a museologia contemporânea experimenta inúmeras tentativas de “dar vida ao objeto” — animações, reconstituições de cenários, auxílios de tecnologia e teatralidade. A tecnologia presente nos museus se propõe a dar suporte à expografia, em que inúmeros projetos são desenvolvidos e aplicados pelos profissionais, com a utilização de narrativas orais, audiovisuais, recursos olfativos ou táteis.

Na analogia entre o museu-texto — principiada na leitura do objeto das coleções dos museus referidos e apropriados ao texto literário de Nassar

— que pode ser o texto literário lido e comparado com os objetos que estão dispostos no museu —, foram associados ao texto coerente e aos objetos da coleção sobre o café, onde a temática está exposta nas linguagens da forma no conteúdo literário simultaneamente museal e memorial.

A coleção museológica demarcada pela sua função testemunhal da memória social caracteriza o período moderno em que a descrição, a ordenação linear e a monitoria desenvolvem-se com funções como “explicar corretamente” sobre o período cafeeiro, no entanto, mais do que isso será necessário aproximar texto e objeto para resolver o abismo entre objeto, legendas, compreendidos e apropriados.

A coerência textual (semântica, sintática, estilística e pragmática) associa os atributos linguísticos aos sentidos dos objetos que estão próximo à coesão textual por meio dos elementos linguísticos ou pela marca do objeto permanecer (fixar-se) “lado a lado”, alinhado ao objeto vizinho. Da mediação no museu estabelece-se uma nova relação, de maneira mais estreita com o objeto semelhante, isto é, com o outro objeto que compõe a mesma coleção.

O olhar de Santos, colecionador, selecionou determinados critérios dos objetos alinhados porque avaliou que na coleção por ele reunida, na ação de colecionar “está presente o mundo do saber, ordenado” (BENJAMIN, 1927-1940 apud SCHOLZ, 1990) que, por consequência, ele agiu sistematizando comparações, insuficiências, substituições e relaciona-se de maneira similar à função de uma gramática dos seus significados (coesão dos objetos) em cadeia, em continuidade para coerência narrativa.

A pesquisa que se dedica aos objetos museológicos encontrará aí (na identidade da pesquisa de Santos) uma instigante semelhança com a *textualidade* do texto de Nassar. Este sentido de unidade, do objeto-texto, do objeto-palavra, texto-museu dos seus sentidos e da expressão contextual será concretizado a partir da coerência, da junção, da luta contra a “dispersão em que as coisas se encontram no mundo” (BENJAMIN, 1927-1940 apud SCHOLZ, 1990).

Nos quadros seguintes, o papel da representação comparada é demonstrado alguns objetos selecionados do texto de Nassar e o emprego do verbo, indicando a ação e narrativa do texto e princípios de interpretação textual:

Quadro I — Análise do Capítulo 10 da obra *Lavoura Arcaica*

Estrutura da frase e emprego do tempo verbal nominal gerúndio	Completa-se o museu-texto com as narrativas do autor	Memória social e individual Sujeito narrador
<p>Conceitual, cognitiva e coesão</p>	<p>Considera-se a incompletude das coleções do museu</p>	<p>Língua natural e metafórica</p>
<p><i>Fundindo, enxergando, girando, extraindo, atirando, fazendo, etc.</i></p>	<p><i>“Fundindo os vidros e os metais da minha córnea, e atirando um punhado de areia pra cegar a atmosfera, incursiono às vezes num sono já dormido, enxergando através daquele filtro fosco um pó rudimentar, uma pedra de moenda, um pilão, (..)”</i></p>	<p><i>“Incursiono às vezes num sono já dormido, enxergando através daquele filtro fosco... (...)”</i></p>

Quadro II — Análise comparada dos termos descritos no catálogo do museu

Processos cognitivos do leitor das coleções do museu	Emissor e Memória
<p>Processos cognitivos do usuário no espaço museal</p>	<p>Códigos simbólicos e elementos da interpretabilidade</p>
<p>Objetos e coleções permitem verificar a intencionalidade do colecionador e aceitabilidade do receptor</p>	<p><i>“e vou extraindo deste poço as panelas de barro, e uma cumbuca no parapeito fazendo de saleiro...”</i></p>

Tanto o livro como o documento/objeto completam-se na ideia do museu-texto com a insubstituível marca dos verbos: fundindo, enxergando, girando, extraíndo, atirando, fazendo. “(*Fundindo os vidros e os metais da minha córnea, e atirando um punhado de areia pra cegar a atmosfera, incursiono às vezes num sono já dormido, enxergando através daquele filtro fosco um pó rudimentar, uma pedra de moenda, um pilão, (...)*)

O “sono já dormido” e o “filtro fosco”, formas metafóricas da linguagem literária, serão as únicas vias críticas das capacidades de compreensão social para assumir as coleções obscurecidas pela falta de conhecimento que assombram os Museus Históricos e do Café, como memória fundamental para implemento da política cultural de Ribeirão Preto.

Considerações finais

Essa analogia entre objeto e texto permite ao usuário e leitor, da literatura ou do museu, o sentido desejado que se completa na compreensão dos objetos museológicos e do texto literário de Raduan Nassar — *Lavoura Arcaica*, capítulo 10. A analogia permite a aceitabilidade como contraparte do desejo ou do elemento intencional da obra criada. Os contextos culturais prévios — no caso, a cultura rural cafeeira — são dependentes da natureza da informação museológica, quando o objetivo é conhecer o documento tangível (objeto), em processos de *intangibilidade*, (do conhecimento simbólico pelo sujeito). Apesar de ocorrer a presente insuficiência das codificações e classificações das coleções dos museus em análise, as estruturas de frases do texto correspondem aos objetos, lado a lado, no paralelo analógico do objetivo da coesão no texto coerente literário.

A partir das reflexões sobre o museu-texto pretende-se contribuir com leituras dos acervos considerados fontes de pesquisas e custodiados pelos museus de Ribeirão Preto.

Notas

1 Parte do presente artigo foi publicado em painel, no Enancib, Salvador, BA, em 2006, indicando o Prof. Dr. Eduardo Murguía como orientador.

2 O termo *atividade museal* foi usado pela primeira vez na Itália, em 1955, durante o Convegno de Perugia por Luisa Becherucci. (GUARNIERI, 1989).

3 No presente artigo não se trata da preocupação com base nas formulações da análise histórica ou na composição da política cultural destinadas à gestão museológica na cidade de Ribeirão Preto, embora sejam questões tangentes ao acesso informacional e democrático a mediação museológica.

4 A aplicação do conceito documentos na Diplomática (conceito da Arquivologia) infere sobre a importância para a história e para a arquivologia, o que contribui para o discernimento entre os conceitos aplicáveis, a tipologia documental e análise relativas às atividades que os geraram (BELLOTTO, 2004).

5 Esse modelo arquitetônico espalhou-se pelo interior paulista, nos governos Nogueira Garcez e de Adhemar de Barros.

6 “Essa estrutura, em cada unidade, era envolvida por um planejamento paisagístico que se assemelha ao projeto de Ângelo Murgel para a Escola Nacional de Agronomia, no qual podemos identificar elementos dos jardins ingleses. Características como as de grandes gramados, tanques de água, traçados sinuosos e caminhos com bifurcações para favorecer certas visuais são encontradas nos projetos paisagísticos das EPAs. Um traço recorrente é o acesso por caminhos que nunca vão diretamente até a edificação principal, mas abrem-se e circundam pelas laterais de um gramado frontal, em formas ovais ou elípticas⁴¹”. Acesso em 21/08/2016. Mascaro. L. P. *Escolas Práticas de Agricultura: arquitetura neocolonial no interior paulista*. Disponível em <http://www.iau.usp.br/sspa/arquivos/pdfs/papers/01520.pdf>

7 Os catálogos dos museus foram organizados por Pedro de Miranda, diretor dos Museus Municipais, entende-se Museu Histórico “Plínio Travassos dos Santos” e Museu do Café “Cel. Francisco Schmidt”, em 20 de agosto de 1975.

8 Ver: ROTEIRO DO CIDOC e Glossário da norma SPECTRUM 4.0. Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. Disponível http://museudaimigracao.org.br/wp-content/uploads/2015/05/Roteiros-do-Cidoc_p5.pdf. Acesso em 5 de outubro de 2016. Coleção Gestão e Documentação de Acervos: Textos de referência – vol. 3.

9 Poucas são as tentativas museográficas com resultados instigantes e que podem ser vistas em Museus Históricos no Brasil. Embora se considerem as inúmeras tentativas de modificar e qualificar a museografia dos museus, antes denominados “estáticos”, ainda depara-se com problemas básicos como armazenamento e conservação dos acervos.

10 Elementos linguísticos permitem proporcionar emoções, desnudar a realidade, inferir intenções, verificar a intencionalidade do autor e aceitabilidade do receptor.

Referências

- BELLOTTTO, H. *Arquivos Permanentes: tratamento documental*. 2ª ed., Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- BENJAMIN, W. Obra das Passagens, 1927-40, trechos selecionados. In: Scholz, Leander. *A noite do colecionador*. Humboldt78. Inter Naciones 1999.
- BREFE, A.C.O. *Museu Paulista — Affonso de Taunay e a memória nacional*. São Paulo: Unesp, 2005.
- BUCKLAND, M.K. Information as thing. *Journal of the American Society for information Science (J ASIS)*, v. 45 nº 5, pp. 351-360, 1991.
- GUARNIERI, W. Museu, Museologia, Museólogos e Formação. *Revista de Museologia*. v.1, n.1, São Paulo: Instituto de Museologia de São Paulo/FESP, 1989.
- FAVERO, L.L. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 2004.
- KOCH, I.G.V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2003.
- _____ e TRAVAGLIA, L.C. *Texto e coerência*. São Paulo: Cortez, 2005.
- MASCARO, L. *Escolas Práticas de Agricultura: Arquitetura Neocolonial no Interior Paulista*. Escola de Engenharia de São Carlos. Universidade de São Carlos. s/d. Disponível em <http://www.iau.usp.br/sspa/arquivos/pdfs/papers/01520.pdf>. Acesso em 3 de setembro de 2016.
- MISAN, S. Os museus históricos e pedagógicos do Estado de São Paulo. *Anais do Museu Paulista e Cultura Material*. Vol. 16. n. 2. São Paulo jul/dec. 2008. Disponível http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142008000200006. Acesso em 11/10/2016.
- NASSAR, R. *Lavoura Arcaica*. Rio de Janeiro: Record/Altaya, 1989.
- Projeto de Revitalização de junho de 2001. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto — Casa da Memória. Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto, 2001.

ROTEIRO DO CIDOC e Glossário da norma SPECTRUM 4.0. Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. Disponível http://museudaimigracao.org.br/wp-content/uploads/2015/05/Roteiros-do-Cidoc_p5.pdf. Acesso em 5 de outubro de 2016. *Coleção Gestão e Documentação de Acervos: Textos de referência* – vol. 3.